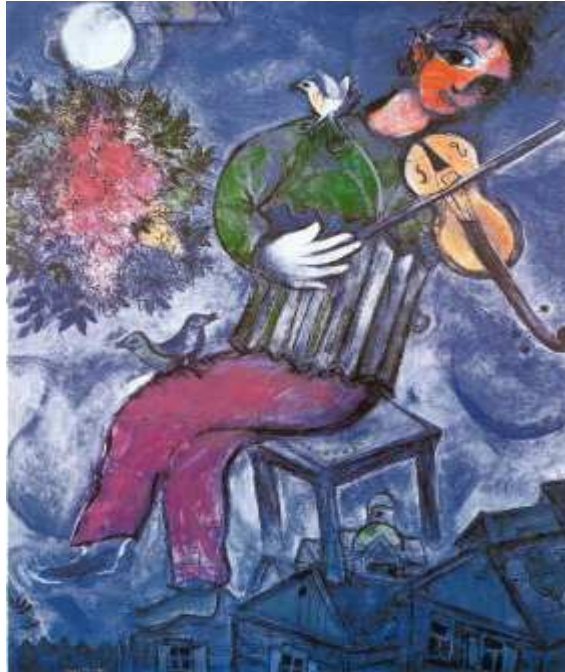


Adelino Torres

Cantos do crepúsculo

(Poesias - Livro III)



Prefácio de José Carlos Venâncio



Edições Colibri

2010

Ilustração da capa:

Marc Chagall – The Blue Violinist

Prefácio

A escrita poética de Adelino Torres é sugestiva, explicativa e aliciante. O “poeta bissexto” dos primeiros livros, na designação de Alfredo Margarido¹, vai dando lugar a um poeta cada vez mais presente, maduro e detentor de um estilo próprio. Roland Barthes, um dos fundadores do estruturalismo francês, escreveu num dos seus muitos e oportunos ensaios que “a escrita começa onde a fala se torna impossível”². No que a Adelino Torres diz respeito, não terá sido propriamente a fala (conquanto esta esteja sempre presente no ofício de professor que também exerce), mas sim o seu labor científico, mormente o de economista, que, a dada altura, se lhe terá manifestado como insuficiente, tendo, em conformidade com essa insatisfação, optado pelo registo poético. A poesia permite-lhe olhar o mundo e a si próprio sem peias nos olhos, sem que, nesses actos de maior liberdade, despreze, por assim dizer, a ciência e o que ela poderá importar de positivo para a condição humana e para o mundo: “Arte, filosofia, ciência / dão forma ao equilíbrio do universo / onde a palavra é a própria criação”, diz nos primeiros versos do poema “Visão”, incluído na presente antologia. O espírito científico é, a par do racionalismo, um tema recorrente na poesia contida nesta e

¹ Designação utilizada no prefácio que escreveu para o livro *Histórias do tempo volátil* (Lisboa: Edições Colibri 2009). O termo/conceito é da autoria de Manuel Bandeira e caracteriza uma actividade poética que não é constante, que se pauta por longos silêncios.

² (...) Tradução de: « L'écriture commence là où la parole devient impossible », in « Écrivains, intellectuels, professeurs », *Tel Quel*, 47, 1971 : 3

noutras antologias. “A verdade não é um resíduo / do saber esquecido / mas a substância vaga / do saber que não virá / pelos caminhos trémulos / dos deuses domadores de sombras”, escreve num poema dedicado à problemática do terrorismo islamita.

O livro está dividido em duas partes, “Cantos do crepúsculo” e “Ironias”. A primeira dá título ao livro, cujos poemas expressam, no seu conjunto, o olhar amadurecido, por vezes amargurado, de alguém que se acha no crepúsculo da vida; é um olhar que incide sobre o que o rodeia, mas também sobre si próprio, no sentido em que dificilmente o íntimo, o eu do sujeito que observa e participa é separável do mundo objectivo, do mundo que lhe é, em princípio, exterior.

O livro começa, em conformidade, com um poema intitulado “Partida” que, simulando em tom testamentário, a despedida da vida, é também o reencontro com a Angola da sua infância:

“(…)
em dia solarengo como o antigamente
quando Luanda se mirava nas águas da baía
enquanto a criançada mergulhava dos barcos do pescado”
(…).

Não será, assim, por acaso, que o poema é dedicado a Angola, a terra do eterno retorno, a raiz de uma identidade construída a partir dos ingénuos e felizes anos da meninice. Como em muitos outros escritores luandenses mestiços e brancos, tais como Arnaldo Santos, Luandino Vieira, António Cardoso e António Jacinto, a

infância surge mitificada como um tempo de igualdade, mormente racial, alheio às discriminações e idiosincrasias coloniais.

Diferentemente do que se passou com os escritores acima referidos, em Adelino Torres, o despertar para a vida real significou correspondente afastamento da tradição literária angolana, i.e., das dimensões que configuram quer a pertença a essa tradição, quer a sua fundamentação como literatura nacional. O poema “Revoluções”, integrado na primeira parte, dá precisamente notícia desse afastamento, ao mostrar um sujeito de enunciação céptico em relação aos movimentos revolucionários:

“(…) cedo ou tarde sopra sempre
o vento modelado em chamas
(…) ficando para trás o gosto
amargo da tirania.”

Não encontramos, pois, igual cepticismo sobre a virtualidade das revoluções, nomeadamente a angolana (porque é, no fim, fundamentalmente dessa que aqui se trata) nos principais protagonistas da literatura angolana, mormente nos acima referidos, que, pelo menos até aos anos 90 do século passado, extrapolaram a utopia vivida na infância para a Angola do futuro, num propósito literário que foi em muito identificado com o percurso político escolhido pelo MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). A obra de Pepetela é particularmente significativa a esse respeito. O romance *A geração da utopia* (1992) regista o fim dessa crença numa Angola utópica, que sucumbe perante situações e posturas políticas, que, ainda em fase germinal, haviam já sido

denunciadas por este autor naquele que é o seu primeiro grande romance, *Mayombe* (1980).

Evidentemente que o cepticismo em apreço não se limita à relação de Adelino Torres com Angola e com a que seria a revolução angolana. Ele é extensível a outros domínios da vida e da política, que vão desde a excessiva dependência do homem em relação à tecnologia – “(...) cada dia que passa, cresce / a humilhação do homem pela técnica” (..) – di-lo³ - à crítica do economicismo e do comportamento da classe política portuguesa. A secção particularmente vocacionada para esta assunção mais crítica é a segunda parte do livro, intitulada, como vimos, de “Ironias”. Dos poemas nela contidos, “*La sagesse du ‘jamais’ em lusolês*”, sendo bastante incisivo, é dos esteticamente mais conseguidos. Reporta-se a um episódio político recente, ocorrido num debate parlamentar em que um ministro procurou fazer valer os seus argumentos utilizando o termo francês “jamais”:

“Esse ‘jamê’ bem gaulês
resolverá o dilema,
(...)
com o rigor dialéctico
da mais alta tradição
do linguajar lusolês
demonstrando que os ministros
desta nobre terriola
à falta de outra coisa
são homens de instrução...”

³ No poema “Relativismo, inserido na primeira parte do livro.

É provável que o eventual leitor deste prefácio se interrogue se o poeta prefaciado, com tanta amargura e cepticismo, características em que inscreve a sátira que também cultiva, não enveredará num certo nihilismo, num derrotismo de que ninguém sai beneficiado. Creio que não. Adelino Torres é sobretudo um humanista; é-o na ciência e na poesia. O homem emerge do seu discurso poético como um fim em si mesmo, como a medida dos actos e das circunstâncias. E esta faceta atribui-lhe universalidade. Para além das dimensões angolana e portuguesa que lhe podem ser imputadas, Adelino Torres é sobretudo um poeta de causas universais.

José Carlos Venâncio (*)

Covilhã, 14 de Setembro de 2010

(*) *Professor Catedrático da Universidade da Beira Interior*

I - Cantos do Crepúsculo

1 – Partida

Para Angola

Quando morrer não quero carpideiras
frases compungidas, suspiros congelados,
nem conversa fiada sobre a minha serventia
se é que servi para alguma coisa
assunto de que tenho, aliás, dúvidas severas.
Basta-me o fogo que me devorará
e renascer depois em frias cinzas
sem carne, ossadas ou incómodos vermes,
lápides pensativas ou jazigos doentios.

Quero tudo concentrado numa macheia de pó
deitada borda-fora sem emoção inútil
embalada pelas ondas ao sabor da maresia
em dia solarengo como o antigamente
quando Luanda se mirava nas águas da baía
enquanto a criançada mergulhava dos barcos do pescado
atracados no cais da zona sul,
com um punhado de música a trepidar
ao ritmo tropical desenfreado.

Revejo agora a passagem oblíqua
entre o princípio e o fim que chega a passo
devagar ou talvez acelerado
no meio de recordações fugazes
que reviverei no último segundo
num lampejo breve que contém o mundo.

Relembrarei talvez, nem mesmo sei porquê,
paixões que tive e não cumpri
nos monótonos anos da adolescência,
os tempos mais estúpidos que vivi.

Quero passar do ser ao mistério do não-ser
como a força que abre no patíbulo o alçapão
com a naturalidade de uma luz que empalidece
ou de um astro que se esconde
por detrás do horizonte envergonhado
onde está, dissimulando-se agachado,
o ciclo sem remorso da repetição
cujos sonhos perseguem o vazio
do poder vacilante da ilusão.

Quando partir seguirei gaiivotas
a voltejar entre terra e mar
à espera que venha o anoitecer
e com ele o silêncio ignóbil das vozes
que se calam com medo de dizer.

Dessa passagem pela vida, o que ficou
foi a sombra abandonada no caminho
da ave que passou com o sol às costas
direita ao rumo incerto do longínquo ninho...

2 – Tempos maduros

Quando somos jovens aprendemos.
Mas as palavras são supérfluas
como folhas que o vento arrasta.
Só tarde de mais compreendemos
que o tempo não se conta
em frases escorregadias, em metros ou em dias

mas quando a substância se transforma
sob golpes surpreendidos do acaso
e pisamos o vazio sem saber
o quanto a existência dura
ou se a duração tem sentido

no desfiladeiro da alma
a vaguear sem rumo
nesse gotejar trémulo do tempo
que deambula perdido
entre silêncios povoados de ruído...

3 – Manoel de Oliveira, cineasta

O tempo não se move: é trespassado
pela aragem ligeira
que desliza na plumagem da natureza,
diz o jovem centenário
Manoel de Oliveira
com o seu olho azul
talhado sem malícia
pela mão de Chagall.

E depois disto dizer
o poeta levanta-se e sobrevoa
a árvore da Babilónia
salpicada de frutos com estrelas no centro
há milénios a derramar seiva de ouro
nas margens do Douro
para os exilados de dentro.

4 - Conformismo

Ai do caminho que ninguém percorre
onde nenhuma ave cruza o céu
para fazer ouvir o canto da madrugada

onde não há ecos
porque os sons morreram
sem claridade
na noite cerrada

quando a luz partiu
para outras paragens
e por lá ficou.

Só restou a morte
que se esvaziou
de um pensamento
que não existiu
ou jamais voltou.

Ai do caminho que ninguém percorre
e onde não há cantos desfolhados
nem brota das fontes aromáticas
a seiva que renova as alvoradas...

5 - Inércia

O paraíso do terror islamita
e de “ismos” semelhantes
apagou a dimensão humana
contida no movimento
erguendo uma muralha de inércia
que congelou os passos
onde a vontade perdida
finge que é pensamento
para matar os últimos deuses
postos lá por Espinosa
que ainda sobrevivem
escondidos num firmamento
de perfeição inútil
onde dançam fantasmas
de mil virgens idosas...

6 - Mistério

Foi na rigidez da morte
que vi o fim do mistério
onde não há senão
a travessia do discurso
até ao horizonte do trágico
para lá da linha do perdão
ou do remorso...

7 - Urbanismo

Abro os braços à luz
que atravessa a noite
e traz com ela os cantos da manhã
que as aves triunfantes dos últimos quintais
estrangulados pela altitude urbana
anunciam com o vigor da natureza
que se despede do mundo.

Persigo inutilmente a claridade
mas os sons já se foram
e a luz de pouco serve
entre a pedra e o cimento
porque nenhum deles tem sentido
sem as vozes e o resto.

8 - Justiça

Quando a justiça falha
o reino é sempre tomado
por bandos de salteadores.

9 - Hipertrofia

A hipertrofia do Eu
não se transmite aos animais
que, ao menos,
têm o instinto dos limites...

10 - Visão

Arte, filosofia, ciência
dão forma ao equilíbrio do universo
onde a palavra é a própria criação

e a música nasce
do rumor da folhagem
rasgando cortinas
pela mão que rompe
a escuridão nocturna
quando pegadas na estrada
vão a caminho do outro.

É então que olhos se abrem
para os cegos verem...

11 - Sentido

O mundo humano é
o mundo intermediário
do sentido imanente.

12 - Computopia

O virtual esconde o determinismo
que explora o caos
no universo da *computopia*
onde a nova ordem
chega devagar em procissão
para o grande genocídio
dos últimos ateus recalcitrantes...

13 - Caos

O caos não traduz desordem
mas apenas o vazio da indeterminação

14 - Agonia

O grande banco mundial da cólera
da razão esquecida
despertará um dia
no dilúvio universal de lava
e do furor.

Então o mundo
conhecerá a fragilidade das coisas
e o seu precário sentido
entre o menos e o mais
quando a rosa dos ventos
girar rumo perdido
na agonia dos pontos cardiais...

15 – Fim do mundo

Já começou o tempo
do cosmos finito
quando os animais da floresta
caem do céu sem razão aparente
e se diluem misteriosamente
como água no areal
sem deixar rasto nem sombra

inaugurando a solidão do homem
que se esvai sem dar por isso
nos espaços deserdados
que a cólera de deus esvaziou
no silêncio da tarde...

16 – Memórias

Como uma pena
a brisa soergue o ser
na leveza
que as almas por vezes têm
e se gravam na lembrança

como na rocha esculpida
por um escopro de luz
nas mãos duma criança

ou essência que perpassa
nos campos floridos
quando vagueia o perfume
desgrenhado das raízes

num voo de asa ferida
corrente fria de ar
que é sopro da tristeza
a desfolhar memórias
porque o tempo passa
sem regresso...

17 – Descobertas

Foi o ressentimento e o medo
que construíram becos e vielas
a emprenhar a cidade
de um lodaçal mourisco
que voltava costas à luz.

Foi o desespero que empurrou
homens que aos mares rumaram
para enfrentarem monstros,
ou para deles fugirem,
e romperem o espaço
na metamorfose das velas
que ressuscitaram asas...

18 – O “*Quinto Império*”

O *Quinto Império* ardeu num fogo de ilusão
que o orgulho arrancou pela raiz
e que levou o vento.

Das labaredas e cinzas só restaram
interesses sem paixão
e paixões sem interesse
que festejam o aviltamento
nos regozijos submissos

instalados no calendário da repetição,
obsoleto, vazio e sempre igual,
dos dias que se apagam
derrubados pelo sopro astucioso
da indigência do mal...

19 - Dúvida

Em pensamento talmúdico alguns dizem
que Deus fez vinte e seis tentativas
para criar o mundo
e todas elas falharam.

Só à vigésima sétima conseguiu enfim
o seu divino intuito,
mas sem muita convicção exclamou:
“espero que isto funcione”.

Esta dúvida fez de Deus
o primeiro cientista
da humanidade
para grande desespero do teólogos...

20 – Necessidade das coisas simples

Não há bem que sempre dure
nem mal que não se acabe
diz o povo que não leu
tratados de filosofia,
nem disso precisaria,
porque o bom senso não está
nos calhamaços de lei
ou livros da sabedoria
cheios de letras p´ra ler
escritos por luminárias
sem mais nada que fazer...

Está no mais simples da vida
nos olhos que querem ver,
por detrás do nosso olhar,
o nascimento da ferida

tal como brota da rocha
uma nascente perdida
que sempre busca o caminho
que tem por destino o mar.

21 – Substância

Espinosa pretendeu
que não há dois atributos
da substância infinita
mas uma única substância
no Deus-Natureza
onde nada pode morrer
porque tudo é natureza eterna.

Talvez, se Deus se amar a si próprio
num circuito fechado...

22 – Rumos incertos

O corpo da espécie ardente
é a terra e não o céu
mas a natureza não é nada
sem a redenção da asa
que sobrevoa castelos

onde se abrigam fantasmas
para quem ganhar a vida
é a razão em perdê-la
ao enterrar gente viva
nos escombros da incerteza,
porque a certeza perdeu

por excesso de certezas
o rasto do seu passado
na história da mente humana,
e não sabendo se mente
ignora esse devir
que tem o sabor a nada

ao viver sem conhecer
o curvilíneo presente
onde não há linhas rectas
como era antigamente
quando os homens resistiam
entre a palavra e a espada...

23 - Imaginação

Tantas mãos para mudar o mundo
e tão poucos olhares para o transformar
suspirou taciturno o eremita
Saint-Florent o Velho

no espanto primordial dos vultos
que se entrelaçavam no céu
com castelos suspensos
e gigantes a pairar

olimpus cheio de deuses
animais do outro mundo
velhos com barbas brancas
feitas de *algodão-doce*
e figuras de espantar

que só as crianças viam
e que corações solitários
em dias vagarosos de promessas
se punham a imaginar...

24 – Exílio

É o exílio da renúncia
que assassina a vontade
de quem não vislumbra sulcos
que a roda do tempo cava

e já esqueceu a consciência
quando o orgulho se esvai
na timidez em cruzar
fronteiras da rebeldia

aceitando servidões
que ferem sem deixar rasto
como quando a morte chega
sem antes ter avisado.

O exílio é ter perdido
inocência no devir,
pensamento agrilhado
às marés que vão e vêm
como um barco moribundo
que balança na corrente

no mesmo sítio ancorado
já sem forças nem alento
até a alma partir
sem protesto nem queixume
arrastada para o fundo
de inconfessáveis abismos
escondidos no pensamento...

25 – Definição do universo

Segundo o velho Epicuro
quando existimos
a morte parece
e quando a morte existe
deixamos de ser.

Esta é a simples
e talvez verdadeira
definição do universo
sem dogmas nem sanha.

Tudo o resto é literatura
onde a lei é menos dura
do que a teia duma aranha...

26 - Sem bandeira

Para Philippe Béraud

Pensar sem bandeira
leva mais longe a ideia
pelos canais que circulam
no corpo mole da vida
em avenidas abertas
cheias de homens sem raças
que são homens, nada mais,
rasgadas no azul celeste
onde a razão, como o sol,
nunca conhece o ocaso

e intrepidamente marcha
tal um hino desfraldado
pelo grito universal
desabando dos penhascos
para o assalto final
às muralhas cancerosas

desses castelos que prendem
em velhas masmorras pálidas
palavras amordaçadas
que despedaçam grilhetas
e abrem caminho ao espanto
quando são pronunciadas.

Pensar sem bandeira é
levar mais longe as ideias ...

27 - Rituais parlamentares

No parlamento dos murmúrios
o comércio das palavras
é a moeda dos loucos
que se troca contra nada

do nada que os sonhos têm
quando vivem de ilusões
as hostes legitimadas
que entoam no seu querer
sentidos que podem ter
velhos cânticos tribais

canções guerreiras que ecoam
em vãs batalhas campais
onde a Nação é esquecida
no meio de litanias
com letras de missa antiga

que enaltecem vestais
que foram seres de virtude,
embora não fosse muita,
mas que agora, ao que se diz
oh! horror, já não são mais...

28 – Ilhas do Sul

Para Cabo Verde

O tempo é o fantasma do movimento
bruma a pairar sobre as ilhas
ancoradas sentinelas
à varanda sobre o mar
enquanto o sol se vai içando
empoleirado nas ondas
feitas de mornas que dançam
e deuses que entoam, roucos,
os cânticos da alvorada
depois do pó do Sahel
trazido pelo *Sirocco*
lhes ter secado a garganta

29 – Palavras imóveis

As palavras não são pólen
que vento arrasta e dilui
em noite de tempestade.
São sementes que germinam
no campo agreste da ira

ou que atravessam paredes
onde amantes de mãos dadas
recriados por Chagall
se fazem juras de amor

celebrando madrugadas
nas palavras que consagram
encantamento da vida
nesse eterno recomeço
de Primavera em flor.

Palavras têm raízes
no mais fundo pensamento
das profundezas da terra
em lonjuras abissais
e mesmo esquecidas, ficam
até a morte surgir
trazendo um saber de vida
que se enganou de destino
e chegou tarde de mais...

30 - Grão de pó

Para o Alfredo Margarido

O que deixo para trás
é passado que passou
mais veloz do que a luz

é desespero de não
ter conseguido viver
mais vidas que a vida tem.

Valeu a pena? Talvez
se do passado ficar
um grão de pó que perdura

em suspensão a pairar
sobre a morada do ser
até o tempo partir

com a serenidade de quem
tendo aprendido a morrer
desaprendeu de servir...

31 – Nova servidão

Pela mão congelada da certeza
de quem já sabe tudo e nada aprende
vai chegando sorrateira a servidão
das gerações vindouras

32 – Decadência

A decadência regressará no dia
em que as aves de rapina vindas das alturas
cairão tomadas de vertigem
no chão do desespero
entre urzes que perderam o sabor dos cimos
onde o vento semeava rebeldia.

Então não mais se falará
do orgulho taciturno dos falcões
a imitar Zeus
em asas de melancolia
que rasavam a abóbada celeste
para falar com Deus.

33 – Ventos do Oriente

Antevejo no horizonte
que chegou
a luz abrasadora da intolerância
trazendo consigo o esgar
que a loucura esboçou

no repentino clarão
onde não cabe o saber
nem se renova o sentido
dum gesto de compaixão

porque a mentira roubou
a luz clara da vida
que atenua o excesso
que dá ao sofrimento a dor.

Então os homens ultrapassam
os limites do que podem conhecer
e penetram no reino movediço
donde não há regresso

34 - Solidão

Quando a terra acaba e o céu começa
ao amadurecer do verão
no sangue do crepúsculo tropical,

as palavras deslizam no dorso do sentido
como bagos de chuva em convulsão
enquanto o espectro da morte dança entre mundos
na ponte suspensa sobre o abismo virtual

donde a vontade cai vertiginosamente
como um relâmpago atordoado
que desfalece com o sopro mortal
do vento solar que empalidece a luz
e deixa para trás a lembrança efémera

do filamento que passou no céu
ao ribombar do trovão
e foi engolido em silêncio
por uma eternidade indiferente
no meio de gelada solidão

35 - Caminhada

Da soleira da porta velha
carcomida sem umbrais
vêm-se sombras a passar
nos seus invólucros mortais
com máscaras de ilusões
que se agitam na rua
julgando esconder da vista
sob vestes a alma nua
em passos na direcção
para onde aponta a flecha
irreversível do tempo.

Humanos, demasiado humanos
a dançar *passos-de-dois*
achando que o infinito
está ao alcance da mão
ao balançar descuidados
entre o agora e o depois
no eco doutras passadas
cujo som também se escoá,

na vida que não se vive
ou que se finge viver,
nas planícies vazias
dominadas pela ausência,
sem devir nem alvorada
no termo da caminhada
que não conhece a mudança.

.

Mas à chegada ninguém passa
para lá do guardião do templo,
sentinela congelada
na constelação dos perigos
onde nem os mortos estão em segurança,

talhada numa só peça
a defender essa fronteira
onde, no coração do instante,
tudo acaba e nada recomeça...

36 - Velhice

É um exagero julgar
que já morri
dada a circunstância fortuita
de não ter dado por isso

embora reconheça humildemente
que o espírito está em parte incerta
e que o corpo não tem qualquer certeza
do certo que a vida tem

já perdida a juventude, diluída
na lonjura ausente
em terrenos vagos de memória
que mudam de natureza

até ao dia em que estar vivo ou morto
são iguais na anomalia
de uma dissolvida história
que já não sabe o sentido
do que valeu a pena em algum dia...

37 – Modernidade

O grande Pessoa disse um dia
que tudo nesta vida vale a pena
quando a alma não é pequena
e torna a gesta imortal.

Mas como se mede a grandeza
nas asas tristes que passam
quando a alma se avalia
pela cor do vil metal?

Como ouvir o som do mundo
se as palavras se perderam
e o eco não tem regresso
numa ravina sem fundo?

Como crer, como viver
na dimensão virtual
onde o que era já não é
e o que é não é real?

38 - Introspecção

O vento vocífera
quando chega a noite
para se anichar
nos braços das árvores
caladas que escutam
o rugir da fera
a deambular
nas veredas escusas
das almas perdidas
onde o silêncio grita
os inconfessáveis
segredos da morte
que mudos escorregam
pelo indizível
das coisas que dizem
sem nunca dizer
que só o que é finito
se torna possível
e merece viver...

39 – Holocausto

Nada mais restará das civilizações
quando vier o dilúvio de fogo
e os espíritos do mal dançarem
em redor de fogueiras rubras
cujas labaredas chamuscarão o céu

apagando num sopro a luz solar
depois dos homens, dos animais
e de tudo o que foi vivo
se consumirem em cinzas
no pueril sacrifício lunar
dos loucos rituais.

Então será inútil salvar a diversidade
de que falam textos sagrados
onde agoniza devagar a crueldade
dos deuses do castigo e da vingança
ou a palavra esquecida do amor.

Apenas podemos no instante último
preservar a sua mágica lembrança
no desespero sem regresso do remorso
que a barbárie da impunidade trouxe
a um mundo que começou com o homem
para acabar sem ele...

40 – Evolução

A razão cósmica
tem, mais do que a visão mística,
a densa inteligibilidade
dos séculos que se falam
em linguagens reconciliadas.
Mas os mitos estão sempre lá...

41 - O espírito e a matéria

O espírito cria a matéria
como afirmava Kandinsky,
ou a matéria o espírito
como dizem velhos cépticos?

Tal dilema não existe
em nenhuma circunstância
porque a resposta depende
da força da tolerância

de que nós formos capazes
quando aceitamos diferenças
que existem na discordância
entre nós outros e outrem.

42 - Loucura poética

Os loucos fazem cosmogonia
e desenham astros bizarros
nas encruzilhadas do pensamento nómada

para lá das fronteiras invisíveis
do país da negação
onde a memória não é passado
mas ontologia do presente.

43 - Traders

O dinheiro que se ganha a dormir
faz lembrar aqueles sonhos
onde monstros convivem
com vendedores de tempo
e no final do show
ascendem todos ao céu
porque o inferno já fechou...

44 – Magia

Não há na longa estrada nada mais
do que o vazio indefinido e trémulo
que tropeça em silêncios sucessivos
do morrer anunciado.

Ninguém sabe se o caminho se termina
na goela do abismo sem regresso
ou se, depois do susto, se depara
com um prado plantado de sinais

onde desabrocham músicas em pautas
e crescem preguiçosas flores mágicas
que trocam mensagens nas flautas
transportadas nos bicos dos pardais.

45 – Serenidade

Há muito que deixei para trás
o canto enfeitado das sereias
calcinado na poeira das picadas
da africana paisagem,
mas a ilusão da sagesa
não me fez mais sábio

e a serenidade amolecida
tem o mistério da aragem
que sopra por onde calha
como uma alma perdida

entre os escolhos que tohem
os rumos do fim do mundo
quando as mãos encarquilhadas
se estrangulam mutuamente
dentro de um poço sem fundo.

46 – Existência

O homem é o grito
que dá sentido
ao silêncio do universo
quando a eternidade se cala
e os deuses trocam palavras
que enchem o céu de vazio
ao ocultar o furor
do que ficou por dizer.

**47 - Vista dos montes
da Covilhã**

Para José Carlos Venâncio

Do alto dos montes sobranceiros
desfraldam-se vales pensativos
com lágrimas de neblina
que se estendem em teia
até os olhos cansarem

e os ouvidos encherem
de cânticos crepusculares
que sobem como luz
cavalgando a maré cheia
em asas de caravelas

até arrabaldes do céu
num hino de louvor à inocência
que atinge o coração dos homens
com a flecha errática e certa
disparada pelo arco do artista

na tristeza derradeira
mergulhada no olvido
de quem já não regressa
donde a morte alcança a vida
na praia-mar do sentido

e foi perdendo de vista
o renascer da alvorada
em lembranças que ficaram
desses instantes efémeros
que se revelam ser nada.

48 – Rodopio

Sou um pássaro sem asas
que estranhamente voa
entre o certo e o incerto

no reino do sem sentido
onde dúvidas percorrem
os caminhos transversais

em circuitos de acaso
nessas verdades que morrem
e nascem uma vez mais

como fénix caída
dos verdes jardins suspensos
em contos orientais.

49 – A raiz da palavra

O sopro vertiginoso da palavra
é o pilar invisível
da fatal entropia
entre o Ser e o Dizer
que cimenta os alicerces
do pensamento volátil.

Mas só a comunidade
esculpida no dia a dia
entre a paz e o bulício,
é a raiz da palavra
que cai numa ideia
como num precipício

50 - Rwanda

Com lâminas afiadas
nos dentes do dragão
Átila rasgou nuvens carregadas
e fez jorrar com fúria
sobre os homens programados

esse dilúvio de sangue
que tingiu de rubro vivo
as lágrimas do remorso
em lembranças ultrajadas
de rostos que nos fitaram
de bocas que se calaram
de olhos que não olharam

já na morte embaciados
e não puderam saber
nem souberam perguntar
o simples porquê das coisas
nos medos antepassados
do espanto moribundo.

A filosofia chega sempre
demasiado tarde
no corpo a corpo que tem
com as vozes flácidas do mundo.

51 – Sonho de uma noite de verão africano

Para Manuel Ennes Ferreira

Há pássaros a deslizar
nas águas do lago morto,
tartarugas que atravessam
a quarta dimensão
do espaço absorto
quando o sol descansa
na palma da mão,

elefantes cor de rosa
com asas de libélula
que rodopiam no céu
em passo largo de dança

fitas coloridas que esvoaçam
ao sabor do sopro
do vento suão
leões decapitados
que montam a guarda
a medos que moram
em palácios fechados

estrelas que cintilam
nos olhos das feras
escondidas na selva
depois do trovão.

Ao despertar só restam
na húmida relva
farrapos dispersos
dizeres desconexos
deixados para trás
numa noite de verão.

Porém o sonho não é
inútil desrazão
rumo que anda perdido,

mas a essência da vida
como da flor o perfume
que não se vê nem se apalpa.
Porém é ela que dá
valor pleno ao sentido...

52 – Recordação

Para a Gabriela Gomes

Chegam lá de longe em temporais
sussurros sibilantes da savana.
O trovão majestoso da cascata
faz tremer as raízes ancestrais
da planura africana
onde a saudade e o remorso se misturam.

Construo então a miragem
num silêncio de anacoreta
que atravessa o labirinto de si mesmo
com a leveza duma pena
transformada em borboleta
que volteja a pintalgar os campos
semeando pirilampos coloridos
que piscam no céu estelar.

Moro nessa paisagem
indelével e transitória
que segue o curso do rio
a cavalgar a memória
da persistência rebelde
dentro do ciclo da vida
que se termina na morte
como uma cheia do estio
que se vai perder no mar.

Nessa morada pequena
abro a janela escutando
a natureza a arfar
e sinto que valeu a pena
atravessar o tempo
numa nuvem descuidada e frágil
empurrada pelo ar...

53 - Totalidade

Não tem sentido olhar
quando o olhar já não vê
que a vida contempla a morte
postada de sentinela
do outro lado da rua.

A eternidade é uma ideia louca
que vive num asilo sem paredes
onde o não-ser se pensa, ao pensar
que tudo é mero gesto transitório
e só a morte é imortal.

No entanto esse crer é um engano
uma mentira tenaz e ancestral
que por traição vicia o pensamento
se soubermos que a *Morte* é um átomo frágil
que o tempo apaga quando passa,
cometa que o infinito engole
no vazio azul do esquecimento.

54 - Safari

Chegaram à terra vermelha
onde cresce a mandioca
os mercadores de exotismo
com máquinas a tiracolo

para copiar aparências
e transportar dentro delas
imagens petrificadas
sons que ouvidos não ouvem

movimentos que estancaram
parados além da vida
entre sombras ancestrais
em gestos cinzelados

nas pedras tumulares e frias
esculpidas em álbuns de granito
que jazem no silêncio quieto
de armários fechados.

55 - História

Os vencidos não têm história
que o presente lhes roubou
ao penetrar no futuro,
chuva que tomba na areia
sem deixar cheiro nem rasto
apodrecendo a memória.

Com a morte da lembrança
morre o passado também
e tudo perde o sentido
durante o tempo assimétrico
sem saber donde se vem

quando o musgo envolve o passo
e o silêncio entoa o cântico
do arrependimento tardio
depois do fim das batalhas
a pairar no frio espaço.

56 - Superstição

A tentativa de se libertar
da perseguição dos mortos
faz da civilização
um archote incendiário...

57 - Diferença

Pensar diferente
é pensar o outro
mas apelar ao outro, trás
a contradição do nós

58 - Saber ser

Saber ser
é saber estar
na arte difícil
de viver
sem renegar...

59 – Incerteza

Há quantos caminhos para os deuses?
perguntou o descrente.
Tantos quantos forem os homens
respondeu o filósofo.

E se não houver caminho algum?
Deambularemos perdidos entre as estrelas
até encontrar uma que aponte o norte
por entre veredas torturadas
ou até que chegue a morte.

E se nunca a acharmos, que faremos?
Nada, se a solidão já nos matou,
tudo, se soubermos dar
outro nome às coisas...

60 – O presente do futuro

Há presente sem futuro,
não futuro sem presente.
Mas o futuro é plural, feito
de incógnitas incertas
que vagueiam ao acaso
em bússolas sem norte
reconstruindo o agora
nas raízes enterradas.

É na *construção* que está o cerne
e não no *tempo* da era cronológica
dos relógios virtuais.
O futuro é o presente
que se refaz cada dia
quando o horóscopo mente.

Que futuro para o futuro?
A pergunta é vazia
como um tiro no escuro,
pois o que é vivo e se move
vai de presente em presente

até que a vida se acabe
e do futuro só fique
um risco no horizonte
tão leve que se apagou
quando a borracha passou
nessa miragem ausente.

61 - Valbom

*Em memória do portuense Severo Mendes da Silva
o melhor amigo de toda a vida*

Desci a calçada de Fonte Pedrinha
de Valbom a Gondomar
em direcção ao porvir
numa tábua a cavalgar
feita da mão do Severo
na arte de marceneiro
com rodas de patinagem
perfil de fogareiro
e um cordel no guiador
rumo aos precipícios infernais
das aventuras fabulosas,
passageiro em viagem
onde não há pena nem dor.

São os sonhos de criança
sempre em frente, sempre em frente
à bolina a navegar
por trilhos dos céus do norte
enquanto a infância morar
na casa do infinito
onde o presente é eterno
e não se envelhece nunca...

62 – Viagem

Em memória de Ilda Vilanova Silva

Ao longo do caminho que se move
em sulcos de fulgor
passam por mim vertiginosamente
árvores desgrenhadas à deriva,

abrem alas mãos estendidas
que parecem dizer-me *au revoir*
em rostos lavrados pelo tempo
que reconheço ou não reconheço
e aqueles que jamais esqueci
saudando em muda agitação
essa passagem sem destino transcendente.

Não sei porquê ou a razão
porque estão ali àquela hora
enquanto sigo sem parar em frente
quando de súbito realizo então
que o tempo ficou suspenso
que as mãos que me acenam
e os rostos que me saúdam

vieram arrancados do passado
cavalgando a lembrança perecível
que revê num segundo a vida inteira
no limiar dessa fronteira
para lá da qual só sobrevivem
os zumbidos distantes dos insectos.

Sei agora que essas mãos acenando
e os rostos para os quais sorrio,
macilentos e parados
na berma do caminho,
me dão aos invés as boas vindas
na maquinal saudação dos mortos
a viver no reino hospitaleiro do vazio...

63 – Relativismo

Quando agoniza a ética
e o sentido da vontade se dissolve
nos labirintos da hesitação,
não haverá escolhas senão as relativas.

Em cada dia que passa, cresce
a humilhação do homem pela técnica
quebram-se as regras do querer e do pensar
e esgota-se a vida em pequenos nada
porque nada vale a pena ao ser
se tudo tiver valor igual.

É então que o ente deixa de viver
perecendo sem se aperceber
no desconhecimento da própria ignorância
que nem se sabe vivo nem mortal.

64 – Metafísica ou não

O mito mostra a morada dos deuses
e o infinito é uma forma de negar
as evidências que se escondem
nas dobras complexas da ilusão
levadas pelas asas de uma Fénix infatigável
que voa envolta em fogo
até num clarão se consumir.

O sujeito da metafísica
é a ausência de sujeito
que desconhece se o saber
conduz o pensamento à vida
ou a vida ao pensamento.

Talvez a ressurreição possível
seja a consciência de si
quando o poder diurno do conhecer
renova a força do agir...

65 – Em busca de definição

O irracionalismo é sempre totalitário
mas o racionalismo
ninguém já sabe o que é
porque, fugaz, vive a esmo
perdido no relativo
enquanto a contemplação nada resolve
por ser um fim em si mesmo.

66 – Paragem

*Intolerância, racismo, fomes,
guerras de civilizações,terrorismo...
[dos jornais]*

Parem o planeta,
eu quero descer aqui!

67 – O dia da morte
de José Saramago

José Saramago deixou hoje de ser
quando o sol do meio dia
imitava a sua verticalidade,
mas não tomou o caminho do céu
porque não acreditava nele,

antes cinzelou nome e obra
em asas de luz
com o seu escopro manual
sobre o tapete mágico de estrelas
inscrito no azul do cosmos irreal
que ficará indefinidamente a pairar
por cima das nossas cabeças minúsculas
até a eternidade se acabar
na finitude do tempo
quando vier a hora do desassossego
em que os fortes queiram ser justos
e os justos talvez mais fortes.

Então perderá a severa aparência
da alma humilde escondida
em homens generosos que sabem
o que os outros ignoram
das coisas simples da vida
e prosseguem a rota solitária
em caminhos tortuosos do universo

à procura dum planeta
onde o ser livre é diverso
e os tabus vão morrendo devagar
levando consigo a inveja
a pequenez e os dejectos
das formigas que esbracejam
entre o trono e o altar

viradas para si próprias
em espelhos que só bocejam
numa rotina sem fim
como é típico dos insectos
que não sabem que são insectos...

(18-06-2010)

68 – Palavra indizível

Na planura sem fim
da extensão do indizível
a palavra move-se inquieta
na busca hesitante de sentido
para aceder um dia à serenidade.

Mas a palavra não tem
o poder de desvendar
nem os segredos da vida
nem a radicalidade da morte

e não consegue escapar
a pensamentos rebeldes
embrenhados em atalhos
de uma falsa aparência

onde a proximidade mergulha
na sombra dos desencontros
de corações feridos,

esse derradeiro sinal
de destinos não cumpridos

69 – Mektube islamita ⁽¹⁾

A verdade não é um resíduo
do saber esquecido
mas a substância vaga
do saber que não virá
pelos caminhos trêmulos
dos deuses domadores de sombras,

essas fantásticas quimeras
que configuram o nada
como se fora qualquer coisa
e anunciam em vão o mektube
ao agitar numa nuvem de poeira
o véu que tolda a claridade

enlouquecendo os homens
na desmesura alucinada da ambição
de serem iguais a Deus,
suprema contradição da finitude
que ignora os passos cautelosos da razão.

⁽¹⁾ Mektube: destino, em árabe

**70 – Princípio
da razão (in)suficiente**

Procuramos o sentido oculto do viver
para encontrar estrelas vacilantes
que o bafo do tempo apagará
quando a fagulha divina esmorecer
e a memória se dissolver na cinza
espalhada pelos ventos nas encostas
que no mar indiferente vão morrer.

O tempo é o deus onnipotente e único
que voa no cosmos transparente.
Julga sem julgar todas as coisas
no universo da finitude indefinível
onde se vive e morre sem razão aparente
por não saber a causa duma causa
que perturba o sono da razão suficiente.

71 – Espírito do mundo

Para Jacinto, Catarina e Elizabeth

O todo é a unidade plural
da meteórica condição humana
se o homem integra o universal
e aceita o outro que vem
do espaço de fora sem dentro
porque o espírito do mundo
é a substância do mundo

e a espacialidade do ser
presente de Norte a Sul
que revive na metafísica
o tempo de não morrer,
só totalizará em toda a parte
a humanidade calma

quando o espírito do mundo
se puser um dia em marcha
e a razão de novo impregnar
a força da universalidade
nas latitudes da alma.

72 - Ciclo

Para José Filipe Pinto

O sentido do que somos
deriva que quem já somos
porque o ser tem uma causa
naquilo que um dia fomos

quando vontade ou destino
moldaram no barro a vida
que guiou a caminhada
no rumo que ela tem

desde a origem do cosmos
que monótono se repete
entre nascer e morrer
enquanto alguém existir

com ânimo para saber
que a verdade do ser
nunca traduz um estado
mas tão somente um devir.

73 – Rotina

Dêem uma bengala
ao bebé que cambaleia
na relva tenrinha
da infantilidade
e outra bengala igual
ao velho que baloiçar
entre cá e lá da vinha
à beira do precipício
cavado pela idade
por tanto já ter vivido.

Um começa e outro acaba
na mesma roda que roda
sem especial sentido
que não seja percorrer
caminhos que se entrecruzam
desencontrados no tempo
do ciclo inaugural desse morrer...

74 – Revoluções

Os loucos que empurram
as nuvens com as mãos
sobrepondo ao poder a utopia
esculpem sentenças nos astros
e retóricas em céus de fantasia.

Mas cedo ou tarde sopra sempre
o vento modelado em chamas
nos braseiros saturnais
só ficando para trás o gosto
amargo da tirania.
E nada mais...

75 – Liberdade

A liberdade está na incerteza
que abala o dogma imperturbável
como um golpe desferido
pela mão dum deus implacável
do Olimpo do conhecer
que sabe que tudo é passageiro
e que o centro de gravidade do pensar
é a dúvida universal do ser.

76 – Tempos vindouros

Para A. Jacinto Rodrigues

A pátria dos revoltados
é a insurreição.

Quando a letargia acordar
do insuportável
o mundo procederá
à colheita da cólera

e só depois construirá
o pensar a descoberto,
que é outra maneira
de viver perigosamente

a incompatibilidade radical
entre a cólera e a medida
na velha luta contra os deuses
da impaciência histórica.

Resta saber se a letargia
é o sono ou a morte.

77 – Perversão

Quando a inveja se adorna
com o manto da justiça
é então que são lançadas
sementes da aniquilação

derramadas às mãos cheias
por infâmia ideológica
manipulada em regras
estratégicas da linguagem

onde só é inocente
aquele que pode provar
que houve alguém certamente
mais criminoso que ele.

78 – Descobertas

O mar regurgitará os mortos
de séculos de naufrágios
inundando as praias
de vozes que despertam
num clamor imenso
de gáveas mortas
vindo das profundezas
dos abismos nocturnos
onde hiberna a memória.

Talvez a ressurreição sacuda
a letargia dos vivos
para quem a tradição
é das origens olvido
daquilo que foi história.

Talvez se for arrancado
das entranhas do oceano
o orgulho já esquecido
de um gesto que foi negado
por preconceitos que sabem
sem nunca nada saber.

Talvez então desta vez
se descubram no presente
as lições desse passado.

79 – Suavidade

[Relembrando Sophia Andresen]

A suave poesia
feita de sussurros
em renda de espuma
e fios de mar

das mãos de Sophia
trás o sol com ela
e mais o perfume
que desce do céu

com a maresia
nas tardes de verão
que a noite bebe
como uma oração

que descrentes cantam
espontaneamente
sem saber porquê
nem por que razão...

80 - Saber

O saber é um estado insaciável
de privação permanente
tão leve como o ar
disse o sábio
ao deixar-se guiar
nos rumos do diverso
entre escolhos que enchem
a ciência do universo
sempre em convulsão
sempre em recomeço
quando quer tocar
a linha do horizonte
para a segurar
no limiar da luz
com sua mão.

81 – Ressentimento

O ressentimento, antes do bom senso,
é a coisa mais partilhada do mundo
e gera nas antigas pregas da dor
os exegetas coléricos
do princípio da realidade
como uma recaída de mau gosto
num dialecto extinto.

82 - Polémicas mundanas

A querela dos *Modernos*
em guerra contra os *Antigos*
renasce de novo
sob os nossos pés
esgrimindo ideias
ou, melhor dizendo,
ideologias gastas
pr'a uso do povo

com grande berreiro
que constrói discursos
e os descontrói
tal e qual um cão
que persegue o rabo
em torno e às voltas
de um candeeiro...

83 – Tudo é transitório

O tempo faz perecer verdades
que se apregoavam eternas.
Mas por vezes sacraliza o erro
e as folhas caem fora da estação.

Os homens esquecem então
que pensar é ordenar pensamentos
e confrontar pensamentos à ordem
na lógica inexorável do universo
quando tomam por perene o transitório
que resulta da desconstrução dos ventos
na pena delirante de filósofos

e por uno o que é diverso
ao ignorar que tudo se transforma
se constrói e se desfaz sem transparência
à superfície leve e no fundo turvo
porque o que está e o que vem é apenas aparência
paragem no provisório, exortação
da próxima idade dos mundos dentro do mundo.

84 - Pensamento que voa

Pensamento é asa sem corpo
que passa na escuridão
num rasto de luz que se apaga
passagem que se abriu
como uma vala na terra
ou escavada no céu
quando irrompe o furacão.

É o silêncio sereno
a pausa que a vida tem
ascensão no infinito
enquanto morte não vem.

85 - Desobediência

*Às vítimas dos iluminados
dos tempos modernos*

Nos campos desabrochou
uma flor estranha
por entre urzes, espinhos
e plantas desesperadas.

Leviatã espezinhou-a com furor
mas ela persistente renasceu
para outra vez ser esmagada
e de novo voltar a irromper
no meio de perigos mil
na aurora de cada amanhecer
entre farrapos do dia.

Então o povo a essa flor
chamou *desobediência civil*
por semear aos ventos a labareda
agreste da rebeldia
que nas cidades se espalhou
talhando em ruas de granito
o fogo duma vontade rubra.

Aos poucos o Leviatã enfraquecido
nessa guerra implacável da usura
foi desistindo por falta de utilidade
ou incerteza pura
cedendo à precária harmonia
filtrada pelo trémulo crivo
de refundação da desobediência.

Mas depois da acalmia breve,
os insolventes devedores da clemência
descobriram repentinamente
que a chama da razão vacila
sufocada no poço cego e sem fundo
da nebulosa ontologia,

essa contingência insegura
do terrível despotismo da teocracia
espojada no seu trono a repetir
com a certeza impalpável da mentira
que a loucura é a matriz da sabedoria
empunhando outra vez com euforia
a bandeira ensanguentada
do desassossego do mundo.

II - Ironias

86 – Confissão

Não rio às gargalhadas
do ridículo profundo.
O sorriso e a ironia
estão mais perto da vida
e sangram menos.

Não choro de tristeza
nem clamo nada ao mundo,
e do contentamento só vejo
apenas uma réstia
porque o desespero
que às vezes cruzo num olhar
que atropelo na rua
é maior e bem mais sério.

Se não falo de mim
não é por excesso de modéstia
mas porque não sei quem sou
nem o que sou.

E se soubesse
talvez não o dissesse:
gosto do mistério...

87 - Linguagem de pássaros

O famoso político passou
voando sobre os telhados
com asas douradas abertas
como um astro esplendoroso
a cobrir céus estrelados
e a tapar vestes da lua
tão alto que não ouvia
os protestos revoltados
nem via punhos cerrados
agitados com furor
lá em baixo, lá no fundo
como formigas na rua.

Nas alturas onde pairava
não lhe chegavam os ecos
e mesmo que os sons se ouvissem
ele nunca os entenderia
porque há muito que deixara
de compreender palavras
para só monologar
na linguagem dos pássaros...

88 - Bom senso precisa-se...

Quando o louco aponta a lua
o sábio mostra o seu dedo,
diz o ditado do povo.

Mas a loucura é precisa
na vida para mudar
aquilo que está parado,
porque mudar é crescer
e a ordem universal
não tem caminho marcado
nem vive num só lugar.

Interrogar o destino
é humana condição
que recusa o imutável
a sombria falsidade
do vazio do não-ser
de quem não sabe senão

esconder-se atrás da sombra
que o acaso lhe deu
recusando-se a que esta
ouse ter uma existência
no pálido curso da vida
que nem sabe se viveu.

A verdade é que, porém,
os loucos sérios merecem
uma atenção redobrada
quando perseguem visões
e questionam o mundo
porquê? como? e quais?
que no sentido profundo
abalam sempre ilusões
da certeza proclamada
em fantasias mortais.

Os que o são e não parecem,
retóricos e bem falantes
em falas endomingadas
entre todos mais manhosos,
sempre cheios de virtude
e de certezas compradas
em mercados e leilões
talvez na feira da ladra,

são no fundo mais perigosos
porque fingem ter a alma
desses santos milagrosos
ou figuras imortais
quando não passam de seres
cujos meios são os fins
que escondem as ambições
p'ra vender a quem der mais...

89 - Ideais

Caros concidadãos
da minha pátria amada
disse o político com unção
e muitos floreados
bla-bla-bla
bla-bla-bla

Indiferente a terra
não parou de girar.

Soldados, berrou o General
durante a parada:
sentidooooooooooooo!
e fez um discurso
e tal e tal
mui patriotoso
daqueles bem compridos
cheio de moral
bla-bla-bla
bla-bla-bla

e a terra continuou
a girar, a girar.

Meninos, disse o professor
no meio do bulício,
num tom virtuoso:
estudar é um dever
e é o vosso ofício!
Por isso vamos todos
trabalhar, trabalhar!

bla-bla-bla
bla-bla-bla.

E logo ali caiu pró lado
depois de ter levado
em cheio na cara
com um livro pesado!

Com o estrondo da queda
a terra acordou
e nesse mesmo instante
pôs-se a chorar.

E a pouco e pouco
deixou de girar...

**90 - La sagesse du “jamais”
em lusolês**

“Jamê”! “Jamê”!
disse no mais puro francês
o ministro a estrebuchar
em cima dos seus patins
no meio da confusão
onde uns dizem que sim
outros dizem que não
e muitas coisas afins
à construção dum fantasma
no céu azul estrelado
onde o futuro aparece
esculpido em cimento armado...

Esse “jamê” bem gaulês
resolverá o dilema,
a sublime questão,
com o rigor dialéctico
da mais alta tradição
do linguajar lusolês
demonstrando que os ministros
desta nobre terriola
à falta de outra coisa
são homens de instrução...

91 - Perfeição

Os economistas tira-dentes
e os gestores da nossa praça
em taciturno país
da concorrência perfeita

pregam grande devoção
aos totens e tabus
da natura imperecível
donde emana uma luz baça

e as pedras têm olhos
para verem o impossível:
Deus puxando cordelinhos
com sua mão invisível

enquanto no céu anjinhos
em música celestial
e equilíbrio perfeito
preparam a salvação

cantando o mundo vazio
dos últimos seres viventes
maníacos do social
que incomodam modelos
da abstracta perfeição...

92 – O Império da náusea

É país dos mais perfeitos
construído à escala humana
dos brandos costumes:

visão pequenina de turba infeliz
rosnando em surdina
pelo nariz

chefias inchadas
chegadas da aldeia
poderes fariseus
que vão à bolina
de vento em popa
muita fé em Deus
e o resto ao molhe
no meio da sopa

políticos engenhosos
com arte e ardor
sempre em alcateia
que subiram na vida
graças ao Senhor

banqueiros austeros
com pé na cadeia,
é confrangedor
faz perder a fé
mesmo aos peregrinos
que vão a Compostela
ou à Santa Sé.

Nos andares de baixo
reina a marcha à ré
ou até pior:

salários às pinguinhas
machismos assolapados
secretas invejinhas
horizontes que estreitam
e os anos passando
a sonhar passados

misérias que espreitam
à flor da pele
sem destino certo
sem Estado que vele
pel' o pouco que há

assim vai o mundo
do lado de cá
do Deve e Haver
dos peritos em tudo
que não sabem nada
nem querem saber.

Mas vai-se vivendo
com o peito inchado
à dimensão épica

porque o que conta é restaurar
o Império da grande náusea...

93 – Perfeição total

O país só atingirá a perfeição
dos órgãos de soberania
que ornamentam o Estado
quando o Presidente
estiver sindicalizado...

Que alegria!

94 – Quantidades mágicas

A paixão da taxa de crescimento
solúvel em tantos “*ismos*”
no âmago mais profundo
da alma dos números
traz Othelo pela mão
pois amor ao comprimento
encerra sempre traição,
mesmo com algarismos...

95 – Rei do desporto

“Eu vou tornar-me uma lenda”
disse modestamente
o jovem futebolista,
mergulhado no nirvana
a comer uma banana.

Ele sonha chegar a ter
a cintilar sobre a horta
o brilho de mil sóis

e conquistar um reinado
onde será ovacionado
por milhões de caracóis...

96 – Ultraliberalismo descascado

O famosíssimo político
tem uma fé indestrutível
devotada e cristalina
nas santas leis do mercado
que regem com transcendência
e rigor das Escrituras
os destinos pecadores
e a ordália divina.

Sendo tais leis infalíveis
na sua origem celeste
ao darem sentido à vida,
o nosso herói em questão
cidadão exemplar
modelo de devoção
feita de pedra e cal
unidas com cola-tudo

vendeu a mãe no mercado
em acto bem natural
resultante do equilíbrio
entre a oferta e a procura.
Como a procura era boa
e a mãezinha ainda fresca
conseguiu o preço bom
que esse negócio atesta
de maneira exemplar

o que só enalteceu
a visão que demonstrou
de tecnocrata eficaz,
pois de propor é capaz
até mesmo o próprio ar
que algum dia respirou
ou de curar maleitas
com água benta trazida
da torneira do quintal.

.
Foi por fim condecorado
em acto ministerial
comprovando a transcendência
duma lei teologal
que rende preito à ciência
ao levantar o estandarte
do equilíbrio gelado
que vence qualquer vontade
e rege o dito mercado
com rigor e sapiência
parentes da santidade

97 - Homenagem póstuma

O país todo festeja
um museu inaugurado
nunca visto nos anais:
tem o corpo embalsamado
na melhor conservação
de um velho homem político
que, oh espanto!, morreu pobre
ao serviço da nação...

A raridade é de tal monta
e é tanta a alegria
que há quem grite ao milagre
em enorme berraria
na multidão agitada
que chegou em romaria
para saudar o evento
dessa homenagem exaltada
na solene ocasião,
pelo menos uma vez
porque uma vez não são vezes,
de prestar culto ao honrado
e não honrar o ladrão...

98 – Olimpo português

As divinas flatulências
dos políticos geniais da nossa pátria
que governam a nação endividada
são a mais brilhante conquista lusitana
deste século cheio de Excelências

e não há fado que chegue p'ra cantar
nem música celeste no altar
nem valor mais alto que desponte
do que a oratória empolada desses homens
que parecem pensar com a cabeça
mas que a têm fora do lugar
ao viver com ar vitorioso
de manobras e subtis influências

esquecendo a frase de Montaigne
filósofo sensato e mui famoso
segundo a qual por mais alto
que um homem esteja sentado
no mundo das aparências,
orgulhoso, importante e altaneiro,
está sempre a repousar humildemente
sobre o seu próprio traseiro...

99 - Crise financeira

Ministros perdem cabelos
ou perucas quando as têm
por causa da bancarrota
imposta pela maldade
dos santos que estão no céu
à bulha uns com os outros
e também andam às vezes
com os homens cá de baixo,
só por serem portugueses
pelintras e refilões,
cortando-lhes as receitas
do orçamento de Estado
e aumentando as despesas
em milhões e mais milhões
no erário nacional
sem prevenir o Governo
vítima dessa traição
cometendo assim os santos
com crueldade e rancor
grave pecado mortal.

Por isso os políticos vão
com coragem e rigor
próprios de Aljubarrota
todos em peregrinação
ver a Senhora de Fátima
para meter uma cunha
que restabeleça a decência
na tal conduta celeste
e acabe com a batota
que tem dado tanta dor
provando a inocência
dos nossos bons governantes
apanhados de surpresa
pelo anti-patriotismo
e, diria, morbidez
da divina Providência

para o caso português.

Escusado será dizer,
brada aos céus tal injustiça
que atinge nossos políticos
que não têm culpa alguma
e demonstram competência
como todos nós sabemos
em tais contas de somar
e até soletram bem
a tabuada elementar
sobretudo a de aumentar
o regabofe divino.

Todos esperam o milagre,
sisudos e cheios de tino,
a que sabem ter direito
desde a batalha de Ourique
p'ra poder voltar à mesma
quando esta crise passar.

Oremos irmãos, oremos!
que o país há-de voltar
a ser o que sempre foi:
terra de sarracenos
com fados lacrimajantes
licornes, muitos dragões,
as princesas de encantar
magras ou mamalhudas
e tragédias lancinantes
de faca e de alguidar
sempre com aqueles sultões
no poleiro a comandar...

100 – Os pardais

Saltitam bandos de pardais
de casaca e laçarote
a rigor e com preceito
por entre a espessa folhagem
dos ramos governamentais
onde há muito que comer
p'ra fartar a vilanagem
de cauda sempre a abanar
que acha que tem direito
ao nunca mais acabar
do fruto das mordomias
e outras delícias tais
dessa santa vassalagem
cuja tradição vem de
tempos imemoriais.

E o mais espantoso é ver
que até voam sem ter asas
só contando com a ajuda
das muletas benfazejas
de geniais deputados
de ministros deslumbrados
e de homens de negócios
muitíssimo sentimentais...

101 – Penitência

Os abutres pairam
no céu do fingimento
onde os pastos morrem
sem ninguém tal ver

enquanto os homens falam,
falam, falam, falam,
repetindo tudo
sem nada dizer

e homens de Estado
sem Estado nenhum
sopram vuvuzelas
e apregoam obra
porque já mudaram
as moscas de sempre
sendo o resto igual
é justo supor
aos tempos de outrora.

Para grande dor
que no peito mora
daqueles que rejeitam
os falsos tesouros
já enferrujados,

continuam lá
os mais desgraçados
a cantar o fado
num covil de mouros.

Allah, volta
Que estás perdoado!

102 - Vaidades

A salva de palmas
no soturno enterro
acordou o morto
que ficou então
assaz comovido
e lisonjeado

a tal ponto que
com muito enlevo
se deixou estar
dentro do caixão

o que prova bem
que ninguém resiste
a um curto instante
de glorificação
que acha merecida
quer ela seja ou não.

Por isso se calou
e com grande júbilo
foi a enterrar...

Do mesmo autor:• **Livros:**

1. *Horizontes do Desenvolvimento Africano no Limiar do Século XXI*, Lisboa, Veja, 2ª ed. 1999, 267 p.
2. *Demografia e Desenvolvimento*, Lisboa, Gradiva, 1996, 168 p
3. *O Império Português entre o Real e o Imaginário*, Lisboa, Escher, 1991, 359 p. (Prefácio do Professor Alfredo Margarido)
4. *Portugal - Palop: As Relações Económicas e Financeiras* (Coord. e co-autoria de), Lisboa, Escher, 1991, 222 p. [*Colaboradores: Adelino Torres, João Estêvão, Manuel Ennes Ferreira, Nuno Cassola e Paulo Brito*]
5. *Novos Elementos do Método no Estudo*, Lisboa, Vega, 4ª ed. 2000.
6. *Sociologia e Teorias Sociológicas*, Lisboa, A Regra do Jogo, 4ª ed. 1985, 328 p.
7. *Estudos de Economia Portuguesa* (em colaboração com Laura Veloso), Lisboa, A Regra do Jogo, 1984, 2 vols, 410 e 320 p.
8. *Uma Fresta no tempo seguida de Ironias* (poesia I), Lisboa, Edições Colibri, 2008, 145 p. [com ilustração da capa do artista angolano Eleutério Sanches].
9. *Histórias do tempo volátil* (poesia II), Lisboa, Edições Colibri, 2009, 103 p. [com um prefácio do Prof. Alfredo Margarido e ilustração do artista angolano Eleutério Sanches]
10. *Cantos do crepúsculo* (poesia III), Lisboa, Edições Colibri, 2010 (Prefácio do Prof. José Carlos Venâncio).

▪ **Artigos e outros textos publicados em revistas como:**

1. *African Economic History* (Wisconsin, USA)
2. *Análise Social* (Lisboa, GIS/ICS)
3. *Antropolítica* (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
4. *Cultura* (Revista da Sociedade Cultural de Angola, anos 1960)
5. *Economie et Humanisme* (Lyon, Editions Ouvrières)
6. *Episteme – Revista Multidisciplinar da UTL* (Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa)
7. *Esprit* (Paris, Seuil)

8. *Estratégia* (Lisboa, Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais)
9. *Estudos de Economia* (ISEG, Universidade Técnica de Lisboa)
10. *Estudos Afro-Asiáticos* (Rio, Universidade Cândido Mendes)
11. *Moderna* (Porto, revista da Universidade Moderna)
12. *Nação e Defesa* (Lisboa, Instituto de Defesa Nacional)
13. *NRF – Nouvelle Revue Française* (Paris, Ed. Gallimard)
14. *Studia Africana* (Barcelona)
15. *Studia Africana* (Porto, Universidade do Porto)
16. *Encontro* (Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, Brasil)
17. *Africanologia* (Lisboa, Revista da Universidade Lusófona de Lisboa)
18. *Cadernos de Economia* (Lisboa, revista da Ordem dos Economistas Portugueses)

- **Participações em livros colectivas:**

Inclusão em várias obras colectivas portuguesas e francesas.

Nomeadamente:

1. In: *Bourgs et villes en Afrique lusophone* (Coor. Michel Cahen), Paris, L'Harmattan, 1986
2. In: AAVV, *Homenagem ao Professor J.R. dos Santos Júnior*, Lisboa, ICT, vol. I.
3. In: *O Desafio Africano* (Coord. J.C. Venâncio), Lisboa, Veja, 2001.
4. In: *La France et l'outre-mer: un siècle de relations monétaires et financières*, (Coord. de Jacques Marseille), Paris, 1998.
5. In: *Géo-économie de la Coopération: de Yaoundé à Barcelone*, (Coord. P.Béraud, J.L. Perrault e O. Sy), Paris, Maisonneuve et Larose, 1999, pp. 152-166
6. In: *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – Cooperação*, artigo em co-autoria com Manuel Ennes Ferreira. (Obra colectiva coordenada por Adriano Moreira), Lisboa, Almedina, 2004.
7. Contribuições inseridas nos volumes 1, 2 e 3 de *Portugal Contemporâneo* (Coord. António Reis), Lisboa, Alfa (volumes reeditados pelas edições Readers Digest)..
8. "Desenvolvimento e mudança nos países do Sul no final do século XX" in: *Ensaio de Homenagem ao Professor Francisco Pereira de Moura*, Lisboa, ISEG/UTL, 1995..
9. "Economia do Desenvolvimento e interdisciplinaridade: da heterodoxia desenvolvimentista à ortodoxia neoclássica" in: *Ensaio de Homenagem ao Professor Manuel Jacinto Nunes*, Lisboa, ISEG/UTL,

1996.

10. “Terrorismo: o apocalipse da Razão?”, in *Terrorismo* (Coord. de Adriano Moreira), Coimbra, Almedina, 2ª ed. 2005.

11. Editor, coordenador e co-autor da antologia de poesia *Força Nova*, Luanda, 1961 (com capa do escultor José Rodrigues e prefácio de Jorge Almeida Fernandes).

Textos publicados em periódicos

Periódicos franceses: Jornal *Témoignage Chrétien* (Paris); jornal *La Croix* (Paris); revista *Esprit*; revista *NRF-Nouvelle Revue Française* (Paris); revista *Economie et Humanisme* (Lyon).

Jornais portugueses (entre 1976 e 2007): *Diário Popular* (Lisboa); *Expresso* (Lisboa); *Diário de Notícias* (Lisboa).

Jornais de Angola: (principalmente nos anos 60), revista *Cultura*, Luanda, revista da SCA-Sociedade Cultural de Angola; *ABC - Diário de Angola*, Luanda; jornal *A Província de Angola*, Luanda; Jornal *O Comércio*, Luanda; Revista *Notícia!*, Luanda.; Jornal *O Namibe de Moçâmedes*, Moçâmedes. Posteriormente, num número da *Revista ABC* (Luanda, Setembro 1974).

Outros:

- Professor catedrático jubilado do Instituto Superior de Economia e Gestão (Universidade Técnica de Lisboa).
- Actualmente: professor catedrático da Universidade Lusófona de Lisboa.
- Director de *Episteme – Revista Multidisciplinar da Universidade Técnica de Lisboa* (2000-2008).

Índice

Ilustração de Marc Chagall.....	2
Prefácio de José Carlos Venâncio	6
I – CANTOS DO CREPÚSCULO	11
1 – Partida	12
2 – Tempos maduros	14
3 – Manuel de Oliveira cineasta	15
4 – Conformismo	16
5 - Inércia	17
6 - Mistério	18
7 – Urbanismo	19
8 – Justiça	20
9 – Hipertrofia	21
10 – Visão	22
11 – Sentido	23
12 – Computopia	24
13 – Caos	25
14 – Agonia	26
15 – Fim do mundo	27
16 – Memórias	28
17 – Descobertas	29
18 – O “Quinto Império”	30
19 – Dúvida	31
20 –Necessidade das coisas simples	32
21 –Substância	32
22 – Rumos incertos	34
23 – Imaginação	35
24 – Exílio	36
25 – Definição do universo	37
26 – Sem bandeira	38
27 – Rituais parlamentares	39

28 – Ilhas do Sul	
40	
29 – Palavras imóveis	41
30 – Grão de pó	42
31 - Nova servidão	43
32 – Decadência	44
33 – Ventos do Oriente	45
34 – Solidão	46
35 – Caminhada	47
36 – Velhice	49
37 – Modernidade	50
38 – Introspecção	51
39 – Holocausto	52
40 – Evolução	53
41 – O espírito e a matéria	54
42 – Loucura poética	55
43 – <i>Traders</i>	56
44 – Magia	57
45 – Serenidade	58
46 – Existência	59
47 – Vista dos montes da Covilhã	60
48 – Rodopio	61
49 – A raiz da palavra	62
50 – Rwanda	63
51 – Sonho de uma noite de verão africana	64
52 – Recordação	66
53 – Totalidade	67
54 – Safari	68
55 – História	69
56 – Superstição	70
57 – Diferença	71
58 – Saber ser	72
59 – Incerteza	73
60 – O presente do futuro	74
61 – Valbom	75
62 – Viagem	76

63 – Relativismo	77
77	
64 – Metafísica ou não	78
65 – Em busca de definição	79
66 – Paragem	80
67 – O dia da morte de José Saramago	81
68 – Palavra indizível	83
69 – Mektube islamita	84
70 – Princípio da razão (in)suficiente	85
71 – Espírito do mundo	86
72 – Ciclo	87
73 – Rotina	88
74 – Revoluções	89
75 – Liberdade	90
76 – Tempos vindouros	91
77 – Perversão	92
78 – Descobertas	93
79 – Suavidade	94
80 – Saber	95
81 – Ressentimento	96
82 – Polémicas mundanas	97
83 – Tudo é transitório	98
84 – Pensamento que voa	99
85 – Desobediência	100
II – IRONIAS	102
86 – Confissão	103
87 – Linguagem de pássaros	104
88 – Bom senso precisa-se	105
89 – Ideais	107
90 – La sagesse du « <i>jamais</i> » em lusolês.....	109
91 – Perfeição	110
92 – O império da náusea	111
93 – Perfeição total	113
94 – Quantidades mágicas	114
95 – Rei do desporto	115

	128
96 – Ultraliberalismo descascado.....	
116	
97 – Homenagem póstuma	118
98 – Olimpo português	119
99 – Crise financeira	120
100 – Os pardais	122
101 - Penitência	123
102 – Vaidades	124
Do mesmo autor	